

EUA pedem ação mundial para perdão gradual da dívida

Manoel Francisco Brito
Correspondente

WASHINGTON — Agora é oficial. Num discurso de sete páginas, feito diante de uma seleta platéia de banqueiros, graduados funcionários americanos e diplomatas, o secretário de Tesouro dos Estados Unidos, Nicholas Brady, finalmente anunciou o que todos esperavam: uma nova estratégia para tentar solucionar de vez a crise da dívida externa do Terceiro Mundo. No discurso, Brady deixou claro que seu governo vai liderar um processo de cooperação internacional, envolvendo governos, banqueiros e instituições financeiras multilaterais para, gradualmente, perdoar a dívida da América Latina (que ronda a casa dos US\$ 400 bilhões) através da formulação de um plano que inclua também como condições para seu sucesso a continuação de uma política de ajustes nos países devedores e a garantia de que seu acesso a novos financiamentos não será afetado.

“Bancos comerciais precisam trabalhar junto com os países devedores para provê-los com um variado leque de alternativas para obter apoio financeiro, incluindo esforços maiores para se conseguir tanto a redução da dívida, quanto a redução do seu serviço e, ao mesmo tempo, novos empréstimos”, declarou Brady. Seu discurso não apresentou detalhes específicos de como isto será feito, mas modificou os conceitos que guiavam os olhos americanos com relação ao problema da dívida e definiu, de modo absolutamente claro, qual a direção que, a partir de agora, será seguida.

Coragem — Além de marcar uma virada estratégica, a forma pela qual as propostas de Brady foram pronunciadas marca uma mudança radical no discurso dos Estados Unidos em relação à América Latina. Afinal, desde que a crise da dívida externa explodiu, em 1982, esta é a primeira vez que um secretário de Tesouro dos Estados Unidos reconhece os graves problemas que ela trouxe às populações dos países devedores. “As nações endividadadas já mostraram suficiente comprometimento com reformas macroeconômicas e estruturais ao longo dos últimos seis anos. Suas conquistas neste período são ainda mais impressionantes quando se leva em conta que, apesar do aperto econômico, as nações devedoras continuaram seu avanço em direção à democracia”, lembrou Brady.

“Isto requereu grande coragem”, continuou. “As populações destes países fizeram sacrifícios substanciais e têm a nossa completa admiração. Nós precisamos trabalhar para transformar estes sacrifícios em benefícios tangíveis e duradouros.” As mudanças de discurso introduzidas por Brady não pararam por aí. Antes, ao se falar em política de reajustes para os devedores, em geral se agregava ao conceito a palavra recessão e sempre se ameaçava os credores com o fim do seu crédito junto à comunidade financeira internacional.

Ontem, o secretário do Tesouro voltou a bater na tecla da necessidade de políticas de reajuste, mas para crescer e para garantir que estes países, num futuro próximo, reestabeleçam um acesso mais tranquilo a novos financiamentos que ajudem suas economias a se tornarem auto-sustentáveis.

Brady declarou que, apesar dos esforços feitos, as reformas econômicas dos países endividados ainda não são inteiramente adequadas: “A fuga de capitais drena recursos de suas economias e nem os investimentos e a poupança mostraram sinais de melhora. Na maioria dos casos a inflação não foi controlada.” O secretário apontou também para o fato de que estes problemas, acoplados à falta de crédito dos devedores junto à comunidade financeira internacional, colocaram enormes pressões sobre o Clube de Paris e instituições financeiras multilaterais para comparecer com dinheiro para cobrir os contantes buracos de caixa, uma situação, segundo Brady, que ameaça a saúde do sistema econômico mundial.

Estratégia — Mas Brady deixou claro que, para mudar a ordem das coisas, não se pode deixar que apenas os devedores carreguem o peso desta pressão. A partir daí, o secretário americano passou a formular as linhas gerais de sua estratégia, detendo-se em detalhes apenas para apontar os problemas que se encontram à frente desta mudança de rumo. “Qualquer estratégia nova”, disse Brady, “deve obrigatoriamente enfatizar o crescimento das nações devedoras, a continuação de reformas econômicas e o apoio financeiro para atingir estes dois objetivos. Para começar, os países endividados devem concentrar sua ação na adoção de políticas que encorajem novos investimentos, reforcem a poupança interna e promovam a atração de capital”.

Para isso, em seu discurso, Brady propõe, de um modo geral, que estes países continuem com suas atuais políticas e que, especificamente, adotem no futuro outros programas sob o patrocínio do FMI e do Banco Mundial. Quanto às ações da comunidade dos credores nesta política de redução da dívida as propostas do secretário do Tesouro se coadunam com o que o JORNAL DO BRASIL vem divulgando há três dias. Ele encoraja a negociação direta entre credores e devedores e recomenda que ambos busquem “formas diversificadas de apoio financeiro e meios de relaxar seus atuais constrangimentos”.

Problema — Nesse aspecto do plano, porém, Brady aponta um problema. A grande maioria dos contratos de empréstimo trazem duas cláusulas que, no momento, amarram as mãos tanto de credores quanto de devedores e impedem que se estabeleça um livre mercado em torno dos papéis da dívida. “Para ser mais específico, as cláusulas de *promessa negativa* e *compartilhamento* incluídas nos atuais acordos de empréstimo funcionam como uma barreira à redução da dívida”, admitiu o secretá-

rio americano, recomendando que fosse negociado um *waiver* (perdão) em relação a elas.

De fato, o — *compartilhamento* — um banco que empresta não pode negociar os preços de seus papéis sem a aquiescência dos outros bancos que participam de um pacote de financiamento — e a *promessa negativa* — que obriga o devedor a dar condições iguais de negociação a seus credores — não permitem a criação de um novo mercado onde os papéis da dívida poderiam ser negociados a preços reduzidos. Quanto às instituições financeiras multilaterais, Brady propôs que elas continuassem a desempenhar um papel central na supervisão das reformas econômicas que estão sendo implementadas nos países devedores, mas que este papel seja estendido e que elas passem a ter também uma função importante no processo de redução da dívida.

Isto, segundo Brady, poderá se dar abrindo não uma, mas duas *janelas assistenciais* no FMI e no Banco Mundial, ambas financiadas por capital de nações industrializadas, principalmente o Japão. “O FMI e o Banco Mundial poderiam prover, como parte de seus programas de empréstimo, fundos adicionais aos países endividados para conseguirem redução de seus débitos ou pelo menos do serviço de suas dívidas”, sugeriu Brady, apontando para o fato de que uma parte dos empréstimos destas instituições condicionados à aplicação de programas de reajuste poderia ser empregado para financiar a troca da dívida por emissão de títulos da dívida pelo governo de um país devedor.

Instituições — A segunda *janela assistencial* funcionaria dando apoio financeiro como garantia de uma parcela dos juros envolvidos em transações que reduzissem os encargos da dívida. Brady não mencionou especificamente um afluxo de capital para estas duas instituições multilaterais para suportar estes novos encargos financeiros, mas indicou que isto será necessário. O secretário do Tesouro disse ainda que os governos de países credores vão continuar com o esforço de reestruturar suas posições de exposição à dívida junto ao Clube de Paris, no sentido de reforçar o sucesso desta política.

Por fim, Brady pediu que novos financiamentos a países devedores sejam desembolsados de maneira mais flexível e rápida e argumentou que é necessário que as nações industrializadas se esforcem para manter suas atuais políticas de crescimento, porque acredita que elas e suas economias também desempenham o papel de suportes deste plano. “Nós precisamos caminhar em direção a necessidades financeiras menores, mas também mais realistas”, afirmou. “Nosso objetivo é levantar as esperanças dos povos e dos líderes das nações devedoras, mostrar a eles que seus sacrifícios vão levá-los à prosperidade no presente e a um futuro aliviado do peso de suas dívidas”.